



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE EDUCAÇÃO FÍSICA

ANDREI DAS CHAGAS ROCHA

**SOCIABILIDADES E ESPORTE: A MULHER BELENENSE EM “A SEMANA:
REVISTA ILLUSTRADA” (BELÉM DO PARÁ, DÉCADA DE 1920)**

Belém - PA

2021

ANDREI DAS CHAGAS ROCHA

**SOCIABILIDADES E ESPORTE: A MULHER BELENENSE EM “A SEMANA:
REVISTA ILLUSTRADA” (BELÉM DO PARÁ, DÉCADA DE 1920)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física pelo Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Douglas da Cunha Dias

Belém - PA

2021

ANDREI DAS CHAGAS ROCHA

**SOCIABILIDADES E ESPORTE: A MULHER BELENENSE EM “A SEMANA:
REVISTA ILLUSTRADA” (BELÉM DO PARÁ, DÉCADA DE 1920)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para
obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física pelo
Instituto de Ciências da Educação da Universidade
Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Douglas da Cunha Dias

Belém - PA, 18 de outubro de 2021.

Aprovado em 18/10/2021

Banca Examinadora



Prof. Dr. Douglas da Cunha Dias
Orientador



Prof. Dr. Welington da Costa Pinheiro
Membro

Belém - PA

2021

“Você vai atrás desse diploma, com a fúria da beleza do sol, entendeu? Faz isso por nós. Faz essa por nós. Te vejo no pódio.” (Emicida)

À minha família

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial à Alcidete das Chagas e Irailton Rocha, meus pais, que, em meio a inúmeras adversidades econômicas e sociais, nunca deixaram de me apoiar incondicionalmente na busca pela construção de meus sonhos, que se representam e se concretizam, também, como parte do sonho e esforço contínuo deles.

À minha namorada, Estefany Santos Cordovil pelo carinho incondicional, bem como por nossa caminhada acadêmica quase que conjunta, permeada por uma construção de apoio, ao passo seu suporte emocional e intelectual se concretizou como importante elemento para a elaboração dessa pesquisa.

Ao Douglas da Cunha Dias, meu orientador e coordenador de estágio, que abriu as portas de seu grupo de pesquisa, desde meu primeiro semestre na graduação, e cuja atuação como professor e pesquisador me inspirou, continua me inspirando e despertando imensa admiração.

Aos amigos da LIGA, Bruce Holanda, Tayan Rogério, Mauro Pantoja, Jorge Vilhena, Isabely Souza e Luiz Carlos Souza, cuja parceria, amizade e irmandade se tornaram imprescindíveis durante minha caminhada no ensino superior, através da rede de apoio acadêmico e emocional, construída ao longo dos anos vivenciados, durante a graduação.

À Maria Angelica Rocha, Wellington Carvalho Rocha, Maria Emília Rocha, Maria das Chagas, Adailson Rocha, Flavienny Rocha, Igor Rocha, Fabrício Rocha, Merian Santos Cordovil, Larissa Nunes.

E aos colegas feitos durante minha caminhada na Faculdade de Educação Física, bem como em minha experiência no HAPAX - (Grupo de pesquisa em Práticas Corporais, Esporte e Educação Física), em especial ao professor Adriano Ribeiro por tantos ensinamentos acadêmicos e profissionais.

RESUMO

Delimitando como o recorte temporal a década de 1920, a pesquisa analisou o perfil de mulher construído pelo periódico “A Semana: Revista Ilustrada”. O problema de pesquisa assim foi expresso: “Qual o perfil de mulher presente em ‘A Semana: Revista Ilustrada’, ao longo da década de 1920?” Objetivou-se compreender o perfil de mulher construído por esse periódico. A pesquisa se constituiu como historiográfica, de caráter documental, valendo-se da História Cultural como norteadora das análises. A fonte da pesquisa pertence ao acervo “Obras Raras Acervo Digital”, da Biblioteca Pública Arthur Vianna, do Centro de Convenções Tancredo Neves (CENTUR). A partir da análise de fotografias, notícias e crônicas, evidenciou-se a presença feminina em sociabilidades da vida banal, incluindo passeios em praças, divertimentos, idas a teatros, cinemas e participação em eventos esportivos, como espectadoras, em maior escala, e como atletas, em menor. Ao final da pesquisa, concluiu-se que em uma Belém influenciada pelo movimento modernista brasileiro, que idealizava uma nova identidade nacional e, no caso de Belém, também amazônica, a assim chamada modernidade não se aplicava à mulher, cabendo a essa, ao longo dos anos de 1920, uma imagem que remetia ao final do século XIX e década inicial do século XX, qual seja, uma imagem de juventude, beleza, graciosidade, recato, maternidade e boas maneiras, fosse em festividades ou em práticas esportivas. Embora retratando e mesmo construindo o referido ideal, a “Semana: Revista Ilustrada” foi veículo para a inserção da mulher belenense ao mundo das sociabilidades ao longo do recorte temporal da pesquisa.

Palavras-chave: História da mulher. História do esporte. História das sociabilidades. Belém do Pará. Década de 1920.

ABSTRACT

Delimiting the 1920s as the time frame, the research analyzed the profile of woman constructed by the periodical “A Semana: Revista Ilustrada”. The research problem was expressed as follows: “What is the profile of a woman present in ‘A Semana: Revista Ilustrada’ throughout the 1920s?” The objective was to understand the profile of woman constructed by this journal. The research was constituted as historiographical, of documentary character, using Cultural History as a guide for the analyses. The source of the research belongs to the collection “Obras Raras Digital Collection”, from the Arthur Vianna Public Library, from the Tancredo Neves Convention Center (CENTUR). From the analysis of photographs, news and chronicles, the female presence in common life sociabilities was evidenced, including walks in squares, entertainment, visits to theaters and participation in sporting events, as spectators, on a larger scale, and as athletes, in minor. At the end of the research, it was concluded that in a Belém influenced by the Brazilian modernist movement, which idealized a new national identity and, in the case of Belém, also Amazonian, the so-called modernity did not apply to women. From the 1920s, an image that referred to the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, that is, an image of youth, beauty, grace, modesty, motherhood and good manners, whether in festivities or in sports practices. Although portraying and even constructing the aforementioned ideal, the “Week: Revista Ilustrada” was a vehicle for the insertion of the woman from Belém into the world of sociabilities throughout the time frame of the research.

Keywords: Women's history. Sport history. History of sociabilities. Belém do Pará. 1920s.

SUMÁRIO

.....	
PRÓLOGO	6
O percurso acadêmico que levou à pesquisa	6
INTRODUÇÃO	9
Primeiras aproximações: uma pesquisa que se anuncia	9
CAPÍTULO I	12
Ecos de uma Belle Époque na Belém dos anos de 1920. Seguido de notas esparsas acerca da organização editorial no Brasil.....	12
CAPÍTULO II.....	20
Bela, Graciosa e Gentil: a mulher retratada em “A Semana: Revista Ilustrada”	20
CAPÍTULO III	37
Banco de Imagens: A Mulher sob as lentes de “A Semana: Revista Ilustrada”	37
CONCLUSÃO.....	62
FONTES.....	66
REFERÊNCIAS	71

PRÓLOGO

O percurso acadêmico que levou à pesquisa

Minha caminhada acadêmica foi iniciada com várias incertezas, muitas expectativas e uma certa ansiedade em explorar o novo, o desconhecido, assim como acredito que seja para muitos outros calouros e calouras. Diante de uma das maiores universidades federais do país, e ingressando em um curso de atuação ampla, com diferentes especificidades que abraçam os elementos educacionais, tomei a estratégia de manter-me aberto às inúmeras possibilidades que o ensino superior poderia oferecer-me. Contudo, lá pelas semanas iniciais de curso, mais precisamente na “Semana do Calouro”, me vi sendo apresentado aos grupos de pesquisa atuantes na faculdade, bem como seus coordenadores, que futuramente seriam meus professores, na caminhada estudantil. Um dos grupos me chamara mais atenção, não somente pela sua relação com esporte, mas sim pela abordagem com que o esporte ali era tratado, assim como me interessou a perspectiva de pesquisas com características históricas, sociológicas e de gênero. Naquele momento, decidi que tentaria fazer parte daquele grupo, o HAPAX - (Grupo de pesquisa em Práticas Corporais, Esporte e Educação Física), cujo coordenador, meu professor e, hoje, orientador do presente trabalho de conclusão de curso, me recebera, primeiramente como voluntário, e, posteriormente, como um de seus estagiários.

Mas, qual a razão desse interesse em história e sociologia? Para responder isso, é necessário retrocedermos à minha educação básica, onde nos defrontamos como um Andrei, que, desde criança, tinha dificuldades com matemática, mas imensa facilidade em geografia, sociologia e, principalmente, história. Ali, me constituo como pessoa, envolto ao interesse de explorar fatos passados, e, antes de ter a maturidade para entendê-la, alicerço uma vaga consciência da importância da história em nossas vidas, individuais e sociais.

A história é a constante que nos aproxima de nós mesmos, de quem somos como sociedade, e, é nela que podemos, e devemos, rever nossos erros e acertos, entender o que um dia foi, refletir sobre o que hoje somos, na possibilidade de vislumbrarmos como um dia poderemos ser. A história é o todo. É a linha do tempo que conecta os momentos passados e presentes, nos fazendo ser racionais, ao passo de termos consciência do que somos hoje, justamente pelo fato de termos vivenciado o ontem. Assim, construí e construo uma concepção pessoal ciente da inexorável importância, e necessidade, de explorarmos o passado, revisitá-lo e compreendê-lo, em uma perspectiva de entendermos nossas prospecções presentes, através de nossas construções históricas, discutindo tempos idos, objetivando compreender e dar voz a narrativas silenciadas, nunca antes debatidas, com devido esmero, ou nunca trazidas à tona.

Com isso em mente, ainda na metade do curso, e vivenciando a disciplina de “Metodologia da pesquisa”, procurei o professor Dr. Douglas Dias, coordenador do grupo ao qual me refiro acima, com um pré-projeto visando investigar, através de jornais e periódicos históricos, a presença do povo preto no futebol, na Belém do Pará em sua Belle Époque, ao final do século XIX. O projeto, por conta da aparente falta de fontes históricas relacionadas, em periódicos, depois de um ano, evoluiu para a investigação, por meio de entrevistas semiestruturadas, de ex-atletas, mulheres e homens, negros, que vivenciaram diferentes modalidades esportivas, entre a segunda metade do século XX, em uma perspectiva de criação de um recorte sobre os elementos inerentes às vivências desses indivíduos, durante seus anos enquanto esportistas. Com o aceite do professor em ser meu orientador, esse, enfim, seria o tema a ser explorado em meu trabalho de conclusão de curso, na faculdade de Educação Física.

Contudo, no início de 2020, que seria o meu último ano na graduação, começa a pandemia da COVID-19, acompanhada de seus agravantes, e, em meio a inúmeras incertezas acadêmicas, sociais e econômicas, acarretadas pela pandemia, me vi diante de quase dois semestres sem aulas formais. Quando as atividades voltaram, em caráter remoto, a necessidade em realizar o trabalho de conclusão de curso faz com que voltássemos a discutir a possibilidade de pesquisar o retrato do povo preto no esporte, em Belém. Porém, fomos impedidos de dar início ao projeto, pelas circunstâncias, justamente pela faixa etária dos indivíduos investigados, já que todos seriam idosos, considerados membros do grupo de risco de infecção do vírus da COVID-19. E, em meio ao necessário isolamento social sanitário e o demorado processo de vacinação, que àquela época caminhava à passos lentíssimos, muito em função de aspectos negacionistas e políticos provenientes do Governo Federal, construindo uma perspectiva onde não tínhamos a menor ideia de quando os idosos, e outros grupos de faixa-etária menor, poderiam receber a imunização completa.

Assim, tivemos que nos voltar para novas discussões sobre novos possíveis rumos para a realização de meu trabalho de conclusão de curso, ainda sob a perspectiva de se realizar uma pesquisa historiográfica, tendo Belém como plano de fundo. Com isso, as aproximações com o período histórico conhecido como Belle Époque voltam a permear as possibilidades, e me vejo em frente ao material base da pesquisa em tela, “A Semana Revista Ilustrada”, o periódico de maior circulação na região, durante as primeiras décadas do século XX, que comumente retratava elementos do cotidiano urbano da cidade, à época, como as notícias, os esportes e as sociabilidades. Com isso, uma gama de elementos a serem estudados se abre, mas um chama nossa atenção de maneira protagonista, por ser a mais presente em suas várias edições: a mulher.

Recheada de imagens, elementos visuais e textuais, “A Semana” estampa em suas páginas, seja com imagens, notas ou crônicas, a presença feminina em torno da vida urbana na Belém, que vislumbra a vivência do modernismo, do início daquele século. Assim, a necessidade de se realizar uma pesquisa que constitua, debata e tensione as concepções de mulher, bem como sua representação e papel, se fez latente, principalmente a partir da discussão de sua presença envolta ao esporte, as práticas sociais e construções socioculturais inerentes à capital paraense em tempos idos. Assim, o processo de pesquisa, ainda diante dos agravantes pandêmicos e em respeito ao isolamento social, fora impedido de ser realizado de maneira presencial, sendo realizado por meio de pesquisa remota das fontes, utilizando a versão digitalizada da seção de Obras Raras da Biblioteca Estadual Arthur Viana, identificando as imagens e elementos textuais correlacionados com a pesquisa e realizando a captura de tela, para catalogação das fontes.

Faz-se necessário ressaltar algumas dificuldades que permeiam a pesquisa historiográfica, sendo o principal deles a longa duração do processo de catalogação dos elementos encontrados nos periódicos, mas que durante a pesquisa remota se intensificaram por problemas de conexão, problemas estruturais com os meios de pesquisa e, principalmente, pelo caráter solitário, inerente a análise histórica, mas intensificado pelo período de isolamento social, em quarentena. Contudo, tais elementos, não se caracterizam inteiramente como problemáticas agravantes do processo de pesquisa, pelo entendimento pessoal da importância da investigação e discussão dos elementos pertencentes à história, e, principalmente, pela relevância sociocultural da temática abordada aqui, que me enche de orgulho e satisfação pela sua concepção e realização até a concretude do presente escrito.

INTRODUÇÃO

Primeiras aproximações: uma pesquisa que se anuncia

Uma senhorita ilustra a capa de um periódico de grande circulação. Sentada e trajando um vestido europeizado, tem às mãos um buquê de rosas e olha, gentilmente, à lente que capturou tal momento. Estava-se então em um sábado, dia vinte e seis de janeiro de mil novecentos e vinte e quatro, e essa imagem circulava pelas retinas da população da cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, construindo, assim, um ideal de mulher: jovem, gentil, sensível, bela, bem-educada, de bons modos e partícipe de um conjunto de sociabilidades da vida banal.

A partir de tal recorte, propôs-se uma pesquisa historiográfica voltada à história da mulher, mais especificamente, a mulher belenense dos anos de 1920 e a participação dessa no universo das sociabilidades coevas. De caráter documental, a pesquisa foi norteadada pela história cultural, e adotou como fonte a revista “A Semana: Revista Ilustrada”, pertencente ao acervo digital da Biblioteca Pública Arthur Vianna, seção de Obras Raras, do Centro de Convenções Tancredo Neves (CENTUR).

Pesquisar a história da mulher implica dizer que em um Brasil das décadas iniciais do século XX, pairava sobre a mulher certa invisibilidade e mesmo exclusão de diversas sociabilidades públicas, sendo socialmente imposto às mesmas uma vida ligada ao lar, cumprindo o papel de filha e, posteriormente, de mãe. Podemos ainda destacar que a presença da mulher ao longo da história é marcada por um estado constante de tensões, uma vez tal presença carrega consigo

[...] confronto e conflito [...]. A história da mulher é, antes de tudo, uma história de complementaridades sexuais, onde se interpenetram práticas sociais, discursos e representações do universo feminino como uma trama, intriga e teia. (DEL PRIORE, 1994, p. 13).

Com efeito, a escrita da história centrada na mulher é caracterizada por “[...] uma falta de fontes não sobre as mulheres nem sobre *a mulher*; mas sobre sua existência concreta e sua história singular. No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra” (PERROT, 2007, p. 22, grifo da autora). Entretanto, mesmo que as fontes não tragam a mulher como sujeito de destaque, essa espécie de silêncio ou invisibilidade é capaz de nos dizer sobre as mulheres de determinados tempos idos. Nesse sentido, devemos evitar uma escrita da história “[...] que faz da mulher uma vítima, ou o seu inverso. As zonas de análise mais produtivas para a história da mulher são as nebulosas, onde encontramos as mulheres anônimas [...]” (DEL PRIORE, 1994, p. 13).

Ampliando as questões iniciais aqui postas, o fato de serem poucos os periódicos que contavam com mulheres em sua equipe, resultando assim em crônicas, notícias e fotografias, por exemplo, escritas e registradas por homens. Dessa forma, as páginas dos periódicos, como é o caso da fonte de nossa pesquisa, acabavam construindo uma imagem de mulher a partir do olhar e concepção do homem, desde o editor da revista até o cronista. Haveria, deste modo, um papel a ser seguido e cumprido pela mulher em meio a um processo de inserção dessa no universo das sociabilidades, e as revistas de grande circulação serviam a esse propósito. Ao longo de nossa pesquisa poucas foram as crônicas escritas por mulheres no que diz respeito à revista “A Semana: Revista Ilustrada”.

Outro elemento que deve ser destacado é que estudos históricos voltados à mulher no que diz respeito ao esporte, no Brasil e, mais especificamente, em Belém, ainda são poucos. Diante desse contexto, ressalte-se que

[...] os estudos a respeito do esporte, inclusive os de cunho historiográfico, em sua maioria, têm ignorado a própria generificação que o estrutura [muito embora] os estudos feministas e de gênero [possibilitem] outros pontos de vista sobre o esporte. (GOELLNER, 2013, p. 48).

Partindo de tais pressupostos, o problema de pesquisa configura-se da seguinte forma: qual o perfil de mulher construído pela revista “A Semana: Revista Ilustrada” ao longo da década de 1920? O objetivo geral da pesquisa foi investigar o perfil de mulher conforme expresso na referida revista, e os objetivos específicos foram:

- a) Compreender o tempo histórico da década de 1920 no que se refere à presença da mulher belenense em meio às sociabilidades coevas em Belém do Pará;
- b) Identificar como se deu a participação feminina no que diz respeito às práticas esportivas ao longo da década de 1920 em Belém do Pará;
- c) Pontuar os principais divertimentos e esportes que contaram com a presença feminina na década de 1920 em Belém do Pará;
- d) Criar um banco de dados com fotografias que retratam a mulher, conforme presente na revista “A Semana: Revista Ilustrada”.

O percurso metodológico da pesquisa ocorreu da seguinte forma:

- 1) Adotou-se o acervo digital da Biblioteca Pública Arthur Vianna, seção de Obras Raras, do Centro de Convenções Tancredo Neves (CENTUR);
- 2) Após pesquisa exploratória no acervo digital, adotou-se como fonte de pesquisa a revista “A Semana: Revista Ilustrada”, dos anos de 1920 a 1929, cujo link para acesso é <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/a-semana-revista-illustrada/>;

3) Ao todo foram analisados duzentos (200) números da revista, sendo o primeiro publicado em 03 de janeiro de 1920 e o último, em 14 de dezembro de 1929;

4) Realizou-se a catalogação da fonte, seguida da tabulação de dados e, por fim, análise;

5) A análise foi voltada a crônicas, propagandas e fotografias que articuladas ao tema da pesquisa;

6) Por fim, criou-se um banco de dados de imagens da mulher belenense dos anos de 1920, a partir de propagandas e fotografias presentes nas páginas da revista “A Semana: Revista Ilustrada”.

Sobre a fonte de nossa pesquisa, alguns detalhamentos: “A Semana: Revista Ilustrada”, foi um periódico pertencente a Manuel Lobato e Alcides Santos. No acervo digital da Biblioteca Pública Arthur Vianna, seção de Obras Raras, do Centro de Convenções Tancredo Neves (CENTUR), o primeiro volume disponibilizado foi aquele publicado em 18 de janeiro de 1919, sábado, com Rocha Moreira na função de secretário da redação. A descrição desse exemplar diz que o mesmo é o volume número 43, o que nos leva a crer que esse periódico começou a circular no primeiro semestre de 1918, uma vez que era publicado semanalmente, muito embora, o acervo digital do Centur informe que a circulação foi de 1919 a 1942.

A pesquisa tem sete (7) momentos: 1- Discussões acerca da belle époque em Belém do Pará e os efeitos dessa na década de 1920, seguidas de notas esparsas sobre a organização editorial no Brasil, no final do século XIX e início do século XX; 2- Caracterização da presença da mulher, construção e feminilidades do início do século XX; 3- Discussão sobre o perfil da mulher belenense, retratada no periódico foco da pesquisa; 4- Análise da mulher presente nas páginas da A Semana, a partir do banco de imagens construído; 5- Banco de imagens encontradas no periódico durante a pesquisa; 6- Conclusão.

CAPÍTULO I

Ecoss de uma Belle Époque na Belém dos anos de 1920. Seguido de notas esparsas acerca da organização editorial no Brasil.

O período que ficou posteriormente conhecido como belle époque, em Belém, vivido de 1870 a 1912, foi marcado por um rápido e potente desenvolvimento econômico, urbano e cultural, no que diz respeito ao universo das elites (SARGES, 2010; DIAS, 2014). Nesse cenário, Belém do Pará passou a fazer parte

[...] dos mecanismos de poder do sistema capitalista internacional [e assim, a] aristocracia agrária e os comerciantes [agregam-se] aos novos projetos do Estado Nacional. A elite intelectual [belenense] produzida na Europa e o grupo dirigente incorporam noções do liberalismo econômico, no plano doutrinal [...]. (SARGES, 2010, p. 118).

Durante sua belle époque, a capital paraense vivenciou transformações latentes, do ponto de vista urbanístico, de valores e construções sociais, de influência europeia, e as “[...] elites, em detrimento da camada empobrecida da população, fartavam-se de riquezas, no período que ficou posteriormente conhecido como belle époque, ocorrido entre os anos de 1870 e o início dos anos de 1910 [...]” (DIAS, 2016, p. 2). Tal desenvolvimento encontrou seu auge durante a administração do intendente Antonio Lemos¹, que idealizou, impôs e pôs em prática um modelo de urbanização e modernização aos moldes europeus, incluindo a implantação de equipamentos urbanos e embelezamento de espaços como avenidas, praças e bosques (SARGES, 2010; DIAS, 2016). Com efeito, ao longo da belle époque, as elites belenenses Belém ergueram “[...] suntuosos casarões, seguindo padrões arquitetônicos europeus, que iam da estética à higiene, enquanto a população pobre aglomerava-se em cortiços, e, quando não, em casas que remetiam aos tempos coloniais” (DIAS, 2016, p. 236). Podemos, dessa forma, supor que a belle époque foi marcada por contrastes sociais e econômicos, com riqueza e pobreza habitando dia a dia belenense.

Compondo o conjunto de transformações provocadas pela belle époque, aquelas ligadas às mentalidades de então. Nesse sentido, aqueles novos tempos, que se queriam de modernidade, passam a ser palco de mudanças de usos e costumes, inclusive, relativos aos usos dos espaços públicos e práticas de sociabilidades (PINHEIRO et al., 2020). Essa nova configuração provocou uma cultura urbana até então inédita. A participação, o perfil e papel da

¹ Antonio José de Lemos. Nasceu em 1843, no Maranhão e faleceu em 1913, no Rio de Janeiro. Iniciou sua vida política em Belém como um dos vogais do município, chegando ao cargo de intendente em 1897, e lá ficou até 1911. Após uma série de tensões políticas, foi deposto e expulso da cidade em 1911. Sobre a administração de Lemos ao longo da belle époque, ver SARGES, 2010.

mulher naquela cultura urbana, foi marcante e constitui-se em tema central de nossa pesquisa, como veremos adiante. Afinal, é primordial compreender e analisar “[...] as mulheres como personagens atuantes, apesar da invisibilidade no que tange aos relatos escritos, em contraposição à imagem recatada e serena construída ao longo dos séculos” (FERREIRA, 2018, p. 18).

Aproximando-nos do recorte temporal da pesquisa, a década de 1920 em Belém do Pará carregava consigo ecos da década anterior, naquilo que houve de auge e decadência da belle époque. Com efeito, a derrocada da belle époque em Belém origina-se com a perda de monopólio amazônico em relação à produção de látex, que passou a ser dominada pelo continente asiático, implicando em decadência econômica das elites belenenses e acarretando mudanças sociais e políticas nas duas capitais amazônicas da borracha, Belém e Manaus (LEAL, 2014). Quando pensando no universo cultural, se é possível afirmar que “[...] no auge da economia da borracha as tetras e artes possuíam certo valor [nos anos de 1920] elas estariam sujeitas às novas interações sociais viado à sobrevivência do seu produtor” (LEAL, 2014, p. 43). Por outro lado, mesmo que a belle époque no Brasil tenha sido marcada por um ideal de europeização, esse processo não ocorreu sem resistências, inclusive, as provenientes do meio intelectual, desde o final do século XIX, tornando-se mais evidente nas décadas iniciais do século XX (LEAL, 2014).

A capital brasileira de então, Rio de Janeiro, viu surgir durante os anos de 1920 uma série de discussões que viam a modernidade, ora “[...] como positiva, pois era integradora da cidade nas novidades da época, ora [...] como negativa, especialmente por ameaçar os costumes tradicionais vigentes” (LEAL, 2014, p. 23-24). A “Semana de Arte Moderna”, de certa forma, gestada a partir desse contexto repleto de ebulições, acarretou mudanças que não só animaram a década de 1920, como alcançaram, pelo menos, a década seguinte (LEAL, 2014). Assim, o movimento modernista brasileiro impactou as grandes capitais daquele período. No que diz respeito ao Pará, e a Belém, para efeito da pesquisa em tela, circulavam ideias sobre o modernismo e que eram comungadas por letrados, na perspectiva de “[...] construção de uma nova identidade nacional, vista sob o ângulo amazônico” (FIGUEIREDO, 2012, p. 15). Essa nova identidade nacional, incluindo o “ângulo amazônico”, divergia “[...] daquela defendida no século XIX, e que, a todo custo, pretendi ligar o Brasil à Europa” (FIGUEIREDO, 2012, p. 15).

O conjunto de sociabilidades comuns aos letrados belenenses deu-se

[...] e um primeiro momento [...] através de organizações literárias que, em contextos diferentes, realizavam saraus, publicavam livros, discutiam literatura ou poesia [...]. Em Belém houve vários núcleos de articulação

literárias, mas os que mais se destacaram em produção e número de participantes, em contextos diferentes, foram as revistas [...] *Belém Nova* [1923-1929] e *Terra Imatura* [1938-1942]. (LEAL, 204, p. 25).

Muito embora o periódico “A Semana: Revista Ilustrada” não seja citado pelo estudo de Leal (2014), acreditamos que tal periódico também foi relevante e participou do chamado “núcleo de articulação literária” durante a década de 1920, recorte temporal de nossa pesquisa. Afirma-se isso a partir dos próprios argumentos que Leal utiliza para delimitar quais revistas foram importantes, ou seja, “produção” e “número de participantes”, pois esse periódico teve seu primeiro volume publicado em 1918, sendo que suas atividades encerraram em 1942. Além disso, as páginas desse periódico deram espaço para importantes intelectuais e literatos publicarem suas crônicas e poesias, tais como, Oswaldo Orico, Tavernard e Edgar Proença. E mais: A Semana: Revista Ilustrada, surgida em 1918, juntamente com “Belém Nova”, esta, surgida em 1923, fora importantes espaços para as discussões que ocuparam a década de 1920 no que se refere à construção de uma nova identidade nacional e amazônica, conforme já enunciado aqui, com literatos e intelectuais, cujas opiniões diversas e muitas vezes divergentes, misturavam

[...] sonhos políticos e trajetórias individuais, mais do que qualquer filiação partidária a uma redação de jornal ou facção doutrinária. Muitos colaboradores de A Semana [...] caminhavam nesse particular ao lado dos ‘concorrentes’ do outro magazine. (FIGUEIREDO, 2012, p. 30).

Embora os referenciais teóricos aqui estudados indiquem a construção de uma nova identidade nacional e mesmo amazônica, apontamos ser possível pensar que esse ideal era voltado aos homens de então. Ou ainda, mais que isso: a nova identidade nacional e amazônica era pensada, grosso modo, por homens e para homens, reservando à mulher lugar de pouco destaque, no que diz respeito à produção literata e intelectual. E ainda: nesse contexto, à mulher cabia pouca visibilidade em eventos da vida banal no que se refere a protagonismos, desde passeios até esportes.

Cabe aqui uma breve discussão sobre a organização editorial no Brasil, a partir de notas esparsas. Com efeito, o processo histórico de organização editorial, no Brasil, data do início do século XIX, juntamente com a chegada da corte real portuguesa a sua colônia, que passaria a ser país independente antes da metade daquele século, com a instauração da Impressão Régia, que inicialmente se constituía como exclusividade do governo, detendo controle sobre as publicações, censurando conteúdos e monopolizando o processo (COSTA,

2007; BAPTISTA & ABREU, 2010. Esse domínio estatal só acabaria no período contemporâneo à Independência, influenciando diretamente a realidade das impressões no país, tendo em vista que “[...] com o final da censura, foi abolido também o monopólio estatal, possibilitando o funcionamento de outras tipografias, que aos poucos vão se abrindo em distintas províncias do Império” (COSTA, 2007, p. 44).

Diante disso, o espaço de publicações de revistas perpassa um processo lento de construção de identidade nacional, diante da instituição do Império, e principalmente, uma formação debilitada de leitores enquanto público consumidor. “Afinal, num país de analfabetos não havia demanda por obras impressas, periódicos ou livros, pois a leitura não fazia parte do cotidiano do brasileiro” (COSTA, 2007, p.44). Nesse contexto, com os avanços tecnológicos, maturação editorial, popularização dos períodos e crescimento do público leitor, detentor de poder aquisitivo para o consumo desses impressos, surgem as revistas ilustradas, na metade do século XIX, utilizando caricaturas como elemento de captação de leitores, inclusive de analfabetos, pertencentes às classes abastadas

[...] Com representações bem-humoradas e satíricas das impactantes transformações que estavam ocorrendo numa velocidade espantosa, as publicações amenizavam a aflição e desconforto provocados pelas inéditas situações e produtos com quais a população passou a ter contato a partir dos desenvolvimentos do século XIX. O caricaturista ganhou destaque nas publicações, já que a imagem representou um dos principais produtos da modernidade. (FONSECA, 2016, p. 426)

Esse novo segmentos de impressos, primeiramente, utiliza as imagens, representadas pelas caricaturas, como elementos de humor e críticas a fatos ocorridos nos ambientes sociais e políticos, e, posteriormente, atrela seus conteúdos a fatos, acontecimentos e variedades, através da perspectiva que

A caricatura materializava as novidades, a mudança de paradigmas da sociedade com leveza e humor. Foi a manifestação artística que dominou e marcou o período pelo poder de síntese, por acompanhar o ritmo cada vez mais veloz dos acontecimentos e pelas novas possibilidades gráficas que permitiu sua publicação corriqueira nas revistas ilustradas. (FONSECA, 2016, p. 426).

Assim, os periódicos semanais, dotados de imagens e elementos visuais, ganham relevância e aceitação, fazendo com que esse gênero editorial se destacasse a ponto de as revistas ilustradas, enquanto periódicos,

[...] ampliaram seu público com o passar das décadas por intermediar o jornal e o livro, que ainda era um objeto sacralizado, custoso e ao alcance de poucos. A revista também informava como o jornal, era um noticiário ligeiro e seriado, porém de forma mais leve, amparada pelo humor. Além disso, tinha um custo

acessível, uma configuração leve, com poucas folhas e leitura entremeada por imagens (FONSECA, 2016, p. 429).

A fotografia, instantâneo de uma determinada realidade ou momento, se manifesta a partir da mudança de percepção visual popular, decorrida da segunda metade do século XIX, quando passa a ser vinculada às publicações de periódicos ilustrados, que através de sua linguagem acessível e de rápida assimilação, entre os aspectos verbais e não verbais, expressava conteúdos que vinculavam as ideias e expressões de modernidade social, política, economia, notas sociais e outros elementos, inerentes ao seu período histórico, que contribuíram expressivamente para o surgimento crescente de

[...] títulos e da longevidade de algumas revistas ilustradas brasileiras, na segunda metade do século XIX, [corroborando] sua importância crescente na mediação e assimilação de questões sociais, políticas e econômicas por meio das imagens satíricas. A discussão, o debate e o destaque dado às questões que faziam parte do cotidiano da população pode ser o motivo desse tipo de publicação ter obtido sucesso e se multiplicado ao longo dos anos (FONSECA, 2016, p. 431).

Esse processo de assimilação, entre imagens e o olhar cultural e social de quem as lê, se aprimora durante as primeiras décadas do século XX, a partir das demandas avindas dos elementos inerentes às transformações socioculturais, originárias do processo de modernização e crescimento urbano, de inspiração nas potências econômicas (GOELLNER, 1999). Em meio a isso, “[...] burguesia transforma a realidade do mundo em imagem do mundo. Portanto, o que aparenta naturalidade é, em suma, o resultado desse processo de investimento de sentido (MAUAD, 2005, p. 151).

As revistas ilustradas, no contexto de modernização urbanística e social da primeira metade do século XX, se constituíam como janelas para o mundo, valendo-se das imagens, originalizando um processo de assimilação e divulgação rápida dos ambientes sociais, constituintes do novo padrão de sociabilidades, por meio das representações visuais de pessoas, objetos, propagandas, lugares e eventos. Aliado a isso, as notas sociais e crônicas trabalhavam valores e perspectivas de naturalização de olhares, comportamentos e reproduções sociais específicas, pautados na moralidade das classes dominantes de sua época (MAUAD, 2005). Dessa forma, a recepção da imagem estabelece sua relação social de atribuição entre os sujeitos, constituindo a associação de valores atribuídos a produção visual, tanto por quem recebe, tanto por quem a produz, de modo que

[...] o papel dos sujeitos sociais como mediadores da produção cultural, compreendendo que a relação entre produtores e receptores de imagens se traduz numa negociação de sentidos e significados; e a capacidade narrativa das imagens técnicas, discutindo-se aí a dimensão temporal das imagens os elementos definidores de uma linguagem eminentemente visual e por fim o

diálogo estabelecido entre imagens técnicas e outros textos, tanto de caráter verbal como não-verbal, a partir do princípio de intertextualidade. (MAUAD, 2005, p. 134)

Essa construção, através do diálogo com outros elementos culturais inerentes, e estabelecidos, demarca uma capacidade narrativa de temporalidade específica, que apresenta fatos e acontecimentos, ao passo que “[...] as imagens nos contam histórias (fatos/acontecimentos), atualizam memórias, inventam vivências, imaginam a História” (MAUAD, 2005, p. 135).

Ao nos voltarmos para as páginas do periódico *A Semana Revista Ilustrada*, foco da pesquisa em tela, nos vemos envolvidos a imagens, utilizadas como representação de acontecimentos, divulgação de produtos, ilustrações em conjunto com elementos textuais, e, principalmente, nos deparamos com a fotografia, utilizada como elemento de contextualização e assimilação rápida de acontecimentos sociais inerentes a efervescência cultural e urbanística, decorrentes dos padrões propostos pela construção da vida moderna, consumidos por uma elite belenense ávida por se aculturar às interações com os espaços urbanos e as sociabilidades provenientes desse processo (PINHEIRO et al., 2020). Vejamos alguns instantâneos presentes em suas páginas:



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 119, 1920, s. p

A illusão da Belleza



A beleza, por si só,
não constitue o
sucesso de uma
mulher. Poderá até
produzir um des-
costo na sua vida
si essa creatura
não lhe der neces-
sario dorno.
Podendo ser en-
contrado na elegar
te Sapataria Leite

Toda mulher, entretanto, pode se
tornar de um momento para outro
bella, encantadora e feliz, usandoos
ncomparaveis calçados da conheci da
"Sapataria Leite". Elles illuminamos
pés, e, por si sós, constituem o melhor
adornodas nossas lindas conterraneas.
Alli se encontra sempre as ultimas cre-
ações da moda e a preços nunca vistos

ENIGMA-LEITE
POLAR-FOX-MI-
NERVAE DINIZ

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 510, 1928, s. p

As imagens presentes em "A Semana: Revista Ilustrada" podem ser entendidas como dimensão de documentação monumental da história contemporânea, levando em consideração alguns aspectos demarcadores, como a definição do circuito social da produção das imagens e o papel dos sujeitos sociais, enquanto mediadores e receptores da produção cultural, em um processo de delimitação específica de sentidos e significados inerentes a sua época. Nessa linha, o processo de observação de imagens, proveniente de períodos passados, enquanto representação de diferentes fatores que o ambientam, permeia o aspecto de que a

[...] análise histórica da mensagem fotográfica tem na noção de espaço a sua chave de leitura, posto que a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, como, por exemplo, o espaço geográfico, dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), da figuração e das vivências, comportamentos e representações sociais. (MAUAD, 2005, p.143)

Aliado a isso, é necessário demarcar a relação direta entre a imagem e a história, ao passo que sua construção visual representa seu período, um conteúdo e olhar social inerente e específico, mediante o fato que "[...] a história embrenha as imagens nas opções realizadas por quem escolhe uma expressão e um conteúdo, compondo por meio de signos, de natureza não-verbal, objetos de civilização, significados de cultura" (MAUD, 2005, p. 151).

A Semana, em seu período de publicação, de 1918 a 1942, se constituía enquanto maior periódico em circulação na região, e dialogava, em suas publicações, os diferentes acontecimentos e situações registradas durante a semana social, esportiva e política da elite belenense, ao passo que a Revista “A Semana” anunciava-se como espaço composto por

“[...] nítidos clichês de assumptos sociais diversos [...] [A revista] traz ainda uma desenvolvida secção de charadas, semana sportiva, vida fútil, notícias e uma seleccionada parte literária, em prosa e verso, colaborada pelas melhores pennas de artistas contemporâneos. Dessa forma, A Semana vae triumphando pela senda jornalística” (A SEMANA REVISTA ILUSTRADA, n. 255, 1923, s. p).

Esse processo de retrato dos acontecimentos inerentes às interações culturais e sociais que permeavam a elite da capital paraense se apresenta no impresso *A Semana*, de março de 1923, autocaracterizada como “[...] a interessante e elegante revista de ‘elite’ paraense [...] como sempre, attestando o alto grau de cultura artística da formosa capital daquele prospero estado nortista” (A SEMANA REVISTA ILUSTRADA, n.255, 1923, s. p).

A julgar pelas palavras da própria *A Semana*, as elites belenenses não apenas ocupavam as páginas do periódico, mas eram, assumidamente, o público-alvo de *A Semana*. Elite dotada de um elevado grau de “cultura artística”, assim dizia-se. A mulher belenense foi partícipe desses momentos que se queriam modernistas ao longo dos anos de 1920. Como? É o que discutiremos a seguir.

CAPÍTULO II

Bela, Graciosa e Gentil: a mulher retratada em “A Semana: Revista Ilustrada”

As primeiras décadas do século XX se constituíram como marco do feminismo no Brasil, por representar um espaço de significativas mudanças nos discursos, práticas e condição das mulheres, que, com o embricado processo de concretização de papéis sociais, se encontravam delimitadas ao desempenho de atividades da vida privada, bem como “preservar suas virtudes, suas características gráceis e feminis nem abandonar o cumprimento daqueles deveres que, ao longo da existência, lhe foram designados: o cuidado com o lar e a educação dos filhos” (GOELLNER, 1999, p. 16). Com isso, ganhava força, e afirmação, a constituição das diferenças entre as esferas públicas e privadas, estipulando os papéis sociais do masculino e feminino, bem como suas expectativas e imposições.

[...] Dessa forma, restava à mulher desempenhar actividades da esfera da vida privada, sendo atribuídas a ela as funções de casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o carácter dos cidadãos de amanhã (9). E assim firmavase a oposição entre as esferas pública e privada, definindo os papéis sociais masculino e feminino, de acordo com as expectativas e imposições sociais (MATIAS & RUBIO, 2010, p. 196)

Imersa nesse contexto, a mulher era alvo da atuação direta de novas estratégias de disciplina e representação de corpos, correspondentes a interesses sociais das classes dominantes, bem como suas expectativas e padrões de moralidade, em consonância com o fato que “educar a mulher é também educar o seu corpo - higienizá-la. Ou seja: à higienização do seu corpo corresponde, também, a higienização dos seus comportamentos e o modelo da mãe passa a determinar tanto a sua conformação física como moral” (GOELLNER, 1999, p. 73).

Pautada nessa lógica higienista e eugênica, entendidas nesse período como ciência, a ideia do casamento e reprodução passam a ser caracterizadas como elementos de preservação da higiene social e ordem pública, oferecendo justificava para as representações públicas e privadas dos papéis sociais de homens e mulheres (GOELLNER, 1999). Às filhas de Eva, como comumente eram referenciadas, estavam restritos elementos e características que as associassem à fragilidade, o recato, a graciosidade, afetividade em detrimento da intelectualidade, e a subordinação sexual limitada ao Ser Mãe. Assim, se utilizando da maternidade como razão para tal realidade, o processo de gerar filhos passa a ser entendido como uma função social, que, para ser desempenhada com sucesso, determina que a mulher

[...] cultive determinadas normas e condutas que evitem esbanjamentos e violências. É indispensável, também, que ela aprenda determinadas formas de ser, de se comportar, de se expressar e de se movimentar com a intenção de salvaguardar aquele que é seu maior atributo: carregar no próprio corpo a esperança de uma outra vida (GOELLNER, 1999, p. 68).

Assim, essa condição requeria da mulher a construção de um corpo saudável e forte, bem como a obtenção de habilidades, qualificações, generosidade, normas e condutas, originários de uma moral idealizadora de preceitos e ações, que passam a se constituir como valor central da mulher burguesa, em uma sociedade tradicional (MATIAS & RUBIO, 2010; GOELLNER, 1999).

Em meio a isso, a influência da modernidade constitui um conceito de feminilidade baseada na beleza feminina, a enobrecendo, e glorificando sua natureza, ao passo que lhe aproxima ainda mais das concepções de valores morais, e sociais, propagados em sua época. Isto é, não somente a constituição estética construía a beleza da mulher, mas a junção de seus atributos qualitativos com a concepção do “belo sexo” promovida pelos aspectos sociais tradicionais, em uma lógica onde os elementos externos representavam a beleza interna, casta, honrosa, graciosa, imaculada, e em consonância com a natureza feminina (GOELLNER, 1999).

Dito isso, a partir da segunda metade do século XIX, e, principalmente, as primeiras décadas do século XX, são concretizadas as primeiras fases das lutas e manifestações feministas, que no primeiro período evocado, se apresentavam como dependentes de representações de mulheres que, através de esforços individuais, rompiam com a lógica de posições hierárquicas entre masculino e feminino, como dialogado por Matias e Rubio (2010):

No Brasil, a primeira fase do feminismo, que abrangeu o final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, esteve intimamente associada a personalidades. Mesmo quando apresentou algum grau de organização, essa derivava do esforço pessoal de alguma mulher, que por sua excepcionalidade, na maioria das vezes intelectual, rompia com os papéis para ela estabelecidos e se colocava no mundo público em defesa dos direitos femininos (MATIAS & RUBIO, 2010, p. 197)

Com a constituição das mudanças socioculturais propostas pela modernidade, tais manifestações, passam a se concretizar em campanhas organizadas massivas, através dos movimentos sufragistas europeus e norte-americanos, pelo direito da mulher de votar e ser votada, que tem grande influência na mulher latino-americana, moderna do começo do século XX (MATIAS & RUBIO, 2010). Com isso, os movimentos, advindos de lutas e reivindicações feministas, passam a ser caracterizados como a liberdade de ir e vir, a escolha do próprio marido ou de não se casar, de exercer uma profissão, de votar e ser votada, de competir em condições iguais no mercado de trabalho e de realizar a prática de certos esportes. Em meio a isso, essas atitudes se constituíam como transgressões da moralidade e conservadorismo da época, por colocar a mulher no papel principal de atividades que, até então, eram consideradas masculinizadas e masculinizadoras, através de uma percepção social e de discurso, que a

realizações de certas ações iam contra a natureza biológica feminina, e contra os preceitos morais da feminilidade (GOELLNER, 1999).

Imerso nessa concepção, o processo de civilização e modernização do país, numa perspectiva de espelhar aspectos de potências industriais e inserir-se no mercado capitalista, já evocado aqui, é protagonista da relação de redefinições de hábitos, atitudes e comportamentos de homens e mulheres em meio a mudança de oferta de bens de serviço, produtos e divertimentos (GOELLNER, 1999; PINHEIRO et al., 2020). E, diante disso, o ato de frequentar os inúmeros ambientes urbanos como prática de lazer e divertimento passam a constituir um corpo de novas necessidades sociais, que atuam como potencializadoras da representação feminina nos espaços urbanos, dentre elas: ir ao cinema, ter contato com a natureza indo à praia ou a bosques, ir aos bailes, ir aos estádios, passear de bonde e frequentar os clubes esportivos.

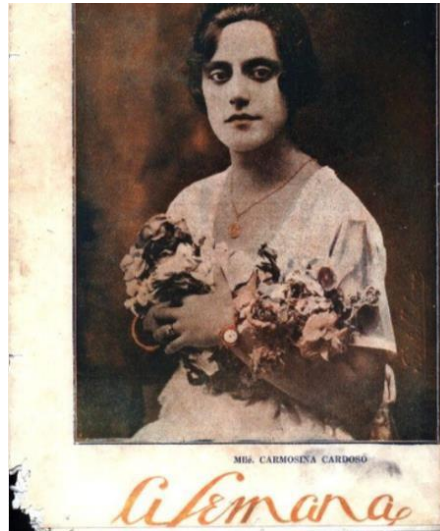
Passa a ser observada um novo âmbito social decorrente da educação da mulher, seu mercado de trabalho e a redefinição de seu papel social perante as elites sociais, seja como filha ou como esposa. E, diante disso, tais mulheres passam a ocupar espaços urbanos, usufruir do consumo de bens e serviços, bem como dos divertimentos oferecidos pela urbe, como festas, reuniões e saraus, alocadas com os fatores decorrentes de seus privilégios e status econômicos e culturais (GOELLNER, 1999).

Com isso em voga, é necessário questionar: Qual o perfil das mulheres que exerciam suas sociabilidades, feminilidades, e tinha uma relação direta com os elementos urbanos advindos dos avanços da modernidade, na Belém das primeiras décadas do século XX? Assim, nos vemos diante do espaço alvo desse escrito, a revista *A Semana Revista Ilustrada*, que trazia, em suas capas e conteúdos, seja nas crônicas, notas ou retratos fotográficos, representações de mulheres com elementos em comum, em relação as classes dominantes de seu período histórico, que retratavam a mulher branca, heterossexual, de classe média ou alta, pertencente a uma estrutura de família nuclear, que através de seu espaço social e econômico, consome, participa ativamente e vivencia os elementos inerentes aos centros urbanos de sua época.

Entre os dois triênios, que fazem parte da década de 1920, estudados aqui, 1920 a 1923, e 1927 a 1929, as publicações de *A Semana*, presentes nos acervos digitais da biblioteca Arthur Vianna, trazem em seus números, o quantitativo de 98 capas que estampam fotografias de mulheres, com diferentes idades, mas principalmente moças e donas de casa. Com isso, as mulheres, expostas nessas capas, tem sua imagem atrelada a elementos utilizados para sua caracterização, seja nos títulos que acompanham as imagens, ou em notas presentes em suas

páginas, em uma perspectiva que atrela suas figuras ao ideal patriarcal, permeado pela lógica burguesa de família, apresentando suas habilidades, graça, distinção ou beleza, e as denotando valor, a partir da representação dos elementos idealizados e perpetuados pelas classes dominantes.

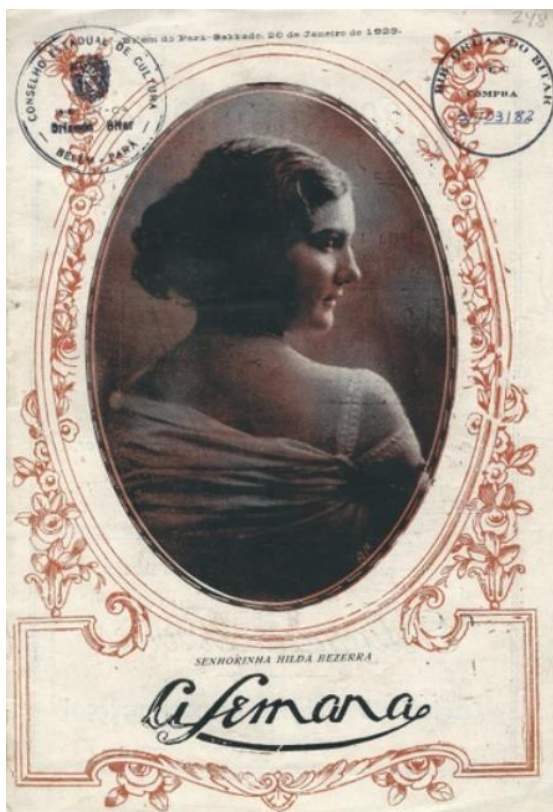
Figura 2: Capas de diferentes edições de A Semana Revista Ilustrada



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 101, 1920, s. p



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 193, 1921, s. p



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 248, 1923, s. p.;



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 592, 1929, s. p

Figura 3: Notas descrevendo as moças presentes nas capas de A Semana

A capa d' A SEMANA

O retrato de hoje é da formosa senhora Hermilla Bahia, encantador adono da nossa sociedade e filha do sr. Antonio Gonçalves Bahia e de sua exma. consorte, senhora Amelia Bahia.

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 277, 1923, s. p.

A capa de hoje d' A SEMANA insere o retrato da distinta senhorinha Mary Tavares, graciosa irmã do sr. Lauro Tavares, despachante aduaneiro.

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 541, 1928, s. p.

Diante disso, podemos correlacionar o contexto, apresentado, nos conteúdos e capas, dos números da revista *A Semana*, com os expostos de Goellner (1999), que debatem a construção de identidade visual, e comportamental, da mulher experimentadora das vivências decorrentes da modernidade dos centros urbanos, representadas nas páginas de periódicos que

Ao desenhar identidades visuais e comportamentais, toma como referência a mulher adulta jovem, branca, heterossexual e de classe média, para as quais as atividades físicas e esportivas, além de estarem relacionadas com a construção de um estado satisfatório de saúde, representam exercícios de sociabilidade que as afirmam em espaços tidos como de domínio masculino: a rua, o clube, a hípica, os estádios e ginásios, a piscina, as praças e parques, enfim, espaços urbanos que acolhem a prática da exercício física. (GOELLNER, 1999, p. 15)

A mulher belenense, presente nas edições da *Semana Ilustrada*, quando jovem, é retratada como “senhorinha” ou “demoiselle”, e tem sua imagem atribuída a adjetivos de graça, formosura, beleza e qualificação para desempenho de seus papéis sociais, ao passo que, quando adulta, é tratada como “senhora”, tida como mãe, esposa, mulher de natureza elegante, e atribuída com adjetivos de força, distinção e dignidade. Essa lógica, demarca o processo de aproximação das representações da esfera feminina com os preceitos da moralidade burguesa de sua época, constituindo o feminino, e o exercício da feminilidade, às concepções de seu papel social enquanto “belo sexo”, que tem como função a busca pelo casamento e concretização da maternidade, como objetivo elementar da unificação de seus valores morais (GOELLNER, 1999; MATIAS & RUBIO, 2010).

Figura 4: Retratos na coluna “Aniversários” de moças denominadas como gentis, graciosas e prendadas senhorinhas



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 178, 1921, s. p.



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 181, 1921, s. p.

Figura 5: Retrato de uma família com a mulher sendo denominada de distinta esposa e moça como graciosa filha



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 215, 1922, s. p.

Figura 6: Mulheres retratadas na saída da missa aos domingos



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 129, 1920, s. p



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 293, 1923, s. p

Os elementos, presentes nas páginas da *A Semana*, se correlacionam com as convenções culturais, de sua época, seguindo os preceitos morais burgueses de família, reguladores da ordem e da lógica patriarcal, elementos esses que influem em processo de atribuição de valores às mulheres, como previamente evocado aqui, bem como a obtenção de constituições que lhe aproximassem de um ideal suavizador de seus instintos e desejos, que exigia da mulher uma posição de graça, feminilidade e, principalmente, castidade

(GOELLNER, 1999). Assim, nos vemos diante de representações que demarcam não somente o costume da mulher belenense de frequentar a igreja, ou o fato desse costume se constituir como um elemento inerente a prática social urbana, experimentada na capital, do início do Século XX, mas sim uma construção identitária da adequação moral, caracterizada pelas convenções culturais, hábitos, sociabilidades, costumes e roupas, enquanto elemento perpetuado e exaltado pela sociedade, de sua época, e pelas páginas do periódico, que retratavam as missas e primeiras comunhões de jovens moças. Ao nos voltarmos para as imagens trazidas acima, podemos perceber nuances representantes desses preceitos morais escolhidos, e exaltados, pelo periódico, ao passo que nos vemos diante, em maioria, de mulheres, utilizando roupas que atribuem recato e graciosidade, que não são decotadas ou curtas, todas andando juntas, com a mulheres mais velhas usando preto, e as moças utilizando branco, cor que carrega uma aproximação com pureza e castidade, bem como o próprio periódico retrata:

Vem ahi o mez dos novenários, o mez de Maria [...] as nossas compatriças vão offerecer flores, numa oblata mystica, aos pés da Virgem Mãe. Todas vestidas de branco, com ares de imaculadas nas feições lindas, quantas não se julgarão escolhidas do céu! Quantas não sentirão as sete espadas no peito ofegante, cheio de sentimento religioso! “No ceo, no ceo, com minha Mãe estarei!” os seus lábios vão cantar. E Nossa Senhora estendera as mãos abençoadas e acolhedoras para as suas filhas [...] (A SEMANA REVISTA ILUSTRADA, n. 211, 1922, s. p).

Figura 7: Moça retrata em sua primeira comunhão



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 281, 1923, s. p

Para além disso, é necessário destacar que a mulher belenense das páginas da *Semana*, e suas representações se mostram em exercícios de sociabilidade, frequentando e se afirmando não somente nos ambientes sociais assíduos da elite belenense da época como as praças, as festas, o cinema, o teatro, o bosque e as praias, mas também em espaços tidos como masculinizados, como a própria redação da revista, com a presença, e notas sobre colaboradoras femininas, que ora emprestavam sua opinião a colunistas, ora detinham suas próprias colunas de opinião e fatos. Ao passo que é possível entender como a mulher permeia os elementos sociais dessa Belém, pós Bella Époque, que acena para o modernismo, através de suas representações e falas, se configurando em colunas como a “Chronica Azul”, de autoria feminina, que se utilizando de um pseudônimo, nos apresenta as nuances da vida urbana e suas sociabilidades, por meio do olhar feminino, através de algumas edições:

Domingo, eu tinha combinado de ir á missa das dez horas em Nazareth, com uma amiguinha. Porém essa amiga adoeceu e tive que ficar em casa. Papaezinho estava tão rabugento que eu nem me atrevi a convidal-o. [...] A’s duas horas o calor estava terrível e ele [o pai] muito de mansinho chamou-me e perguntou se eu não queria dar uma volta de bonde e ir depois à “matinee”. Não podia recusar e cinco minutos estava às voltas no meu gabinete com a tal “toilette”. [...] Tomamos um bonde com direcção ao largo de Palacio e demos a volta. Quando passamos pelo largo da Polvora o cinema estava transbordando e o papae achou conveniente tomarmos um sorvete e darmos a volta ao Souza. [...] Tivemos alguma dificuldade em apanhar um bonde pois todos desciam apinhados para o campo de futebol. No caminho, papaezinho mostrou o desejo de assistir o jogo. Eu não estava muito disposta ao “sacrificio” mas como não gosto de ser espirito de contradicção, accedi si bem que contrariada no intimo. O Paysandu e o União já haviam iniciado o jogo. A mesma coisa da vez passada: O Paysandu venceu. Achei admirável o entusiasmo daquela multidão. Como o futebol desperta animação! Voltamos para casa já à noite e eu vim um tanto entediada (A SEMANA REVISTA ILUSTRADA, n. 294, 1923, s. p).

Assim, é possível notar que outros espaços, frequentados pela mulher belenense moderna, eram os que acolhiam as práticas esportivas, como: a rua, os clubes, a quadra de tênis, as regatas, os festivais esportivos e os estádios. Tais elementos, nas edições do periódico belenense, passam a constituir aspectos repletos de ambiguidades, em um processo que demarca inconsistências e adequações dos valores morais das elites da capital paraense frente às transformações advindas da modernidade (GOELNNER, 1999).

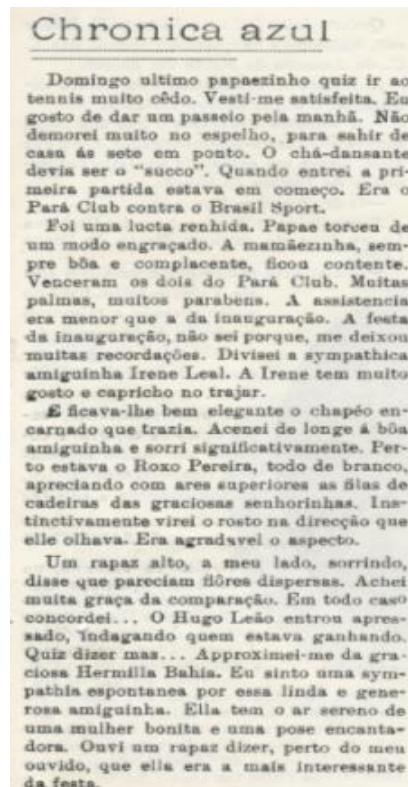
Em meio a isso, *A Semana* por meio de suas notas e colunas apresenta uma concepção que expressa e cultua o ideal de socialização, e denota caráter de importância aos acontecimentos inerentes à vida da elite belenense, através da sua frequência assídua em

espaços de práticas de lazer e sociabilidade, em colunas como “A Vida Fútil”, “Aniversários”, “Belém Distincta”, “Semana Sportiva” e “Semana elegante”, sendo a última caracterizada como

[...]uma série brilhante de perfis de senhoras, senhoritas e cavalheiros em destaque na escol paraense [...] procurando fotografar, o mais fielmente possível, em períodos leves e incisivos, as nossas distinctas patricias e formosas leitoras, cujos peregrinos de bondade, de espirito e de belleza serão focados com cuidadosa justeza. Encimarão cada perfil as iniciais do nome de sua gentilíssima dona (A SEMANA REVISTA ILUSTRADA, n. 208, 1922, s. p).

Assim, nos voltando novamente para a “Chronica Azul”, bem como outras colunas, é perceptível a presença dos elementos inerentes ao esporte, em uma perspectiva onde os acontecimentos esportivos constituíam parte do cotidiano, daqueles que usufruíam dos elementos oferecidos pelas interações urbanas modernas, a ponto de representar parte importante de suas relações sociais e de lazer, abraçados e incentivados pelos detentores dos meios de comunicação de sua época, representados aqui pelo periódico foco desse escrito. Para além, se faz necessário demarcar a divulgação da opinião feminina sobre os elementos que permeavam sociabilidades envoltas aos esportes, como é possível ver no texto da supracitada coluna:

Figura 8: Nota na Chronica Azul sobre o campeonato paraense de Tênis.



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 272, 1923, s. p

Figura 9: Chegada de torcedoras no campo do Clube do Remo para um jogo de futebol entre Remo e América



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 100, 1920, s. p.

Figura 10: Cenas de festa náutica realizada pelo conselho de regatas

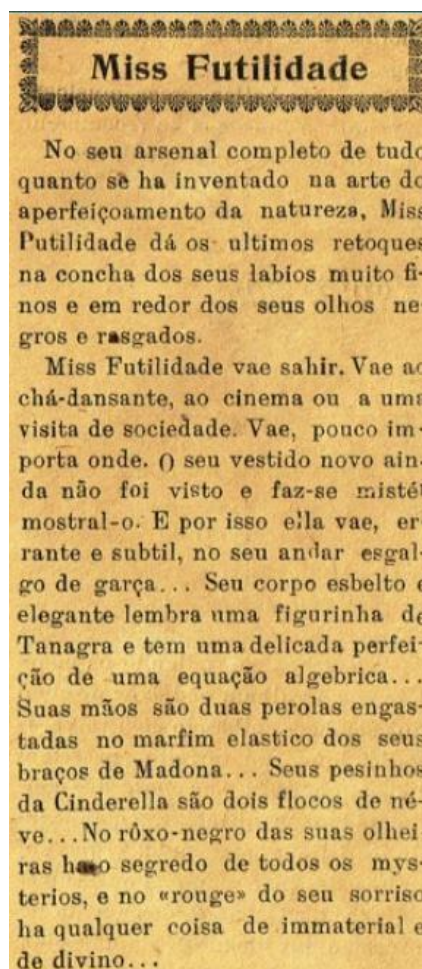


VIDA SPORTIVA.—Aspectos da festa náutica realizada pelo Conselho de Regatas, no dia 14 do corrente.

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 104, 1920, s. p.

É possível perceber tanto o incentivo quanto repressão às mulheres, no que tange a vida social e individual, em um misto de conselhos, recomendações e críticas, em suas colunas e crônicas, ora incentivando a mulher a abraçar aspectos de modernidade e transgressão social, em representação concreta do que seria a mulher moderna e sociável, ora repreendendo aspectos da modernidade que vão de encontro às convenções sociais da época, como elementos da moda, representados em roupas mais curtas e utilização de maquiagem, ou da vida individual da mulher que não tem medo de exercer sua sexualidade e sociabilidade. Em meio a isso, o incentivo ao cuidado com a aparência, uso de artifícios estéticos, cosmético, produtos de saúde e a ocupação de espaços esportivos e de divertimento, tanto como realizadora, como expectadora, pode ser visto por meio da lógica de aspectos impulsionadores para a mulher belenense abraçar sua modernização e afirmação social, enquanto a pura preocupação feminina apenas com beleza e roupas é tida como futilidade e vulgaridade, indo na direção contrária do identitário de graça, percebido nas publicações da revista.

Figura 11: Texto se referindo a uma moça retratada como “Miss Futilidade”

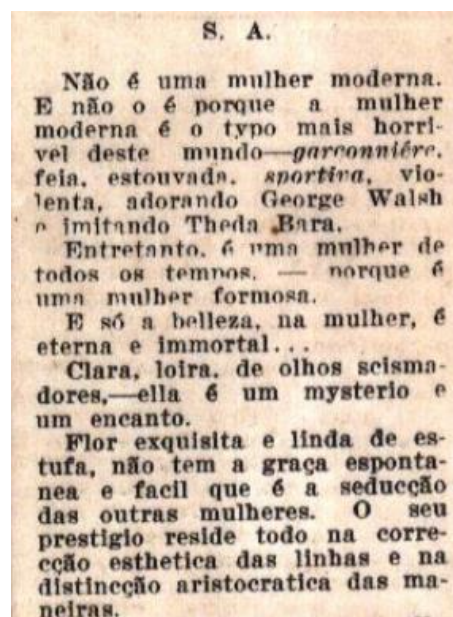


FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 202, 1922, s. p.

Os esportes, diante do contexto histórico de sua época, são um meio de realização prática de ideais sociais e nacionalistas, bem como atuam como peça de propagação das representações de masculinidade e feminilidade. E, como fruto de percepções como essa, muitas modalidades esportivas não são recomendadas para as mulheres, em uma perspectiva de combate as práticas que deformassem o ideal de corpo feminino, e, conseqüentemente, o masculinizando. Assim, é pregada o não excesso de competitividade, mas, sim beleza, graça, saúde, harmonia, formosura, leveza e delicadeza. Se a atividade física feminina fosse necessária, que fosse realizada a partir de um ideal que preserve sua saúde e garanta a manutenção das características do ser feminino (GOELLNER, 1999).

Em meio a isso, é possível perceber representações embricadas de sentidos contrastantes, no que diz respeito a prática esportiva, bem como a prática da modernidade, por mulheres, representadas nas notas e colunas da *Semana Revista Ilustrada*, no que tange a relação de incentivos e repressões, já apresentadas aqui. Enquanto que, em alguns momentos, a presença do público feminino, em caráter expectador, nos ambientes de lazer, e socialização, são noticiados, exaltados e denotados de graça, beleza e elegância, em outros momentos é possível perceber, através de notas de opinião e valor, a resistência à movimentação da mulher, que se transforma em moderna, lhe atribuindo, e rechaçando, uma perspectiva de aproximação com o masculino e sua esportivização, que processualmente a afastaria de sua natureza bela e feminina (GOELLNER, 1999).

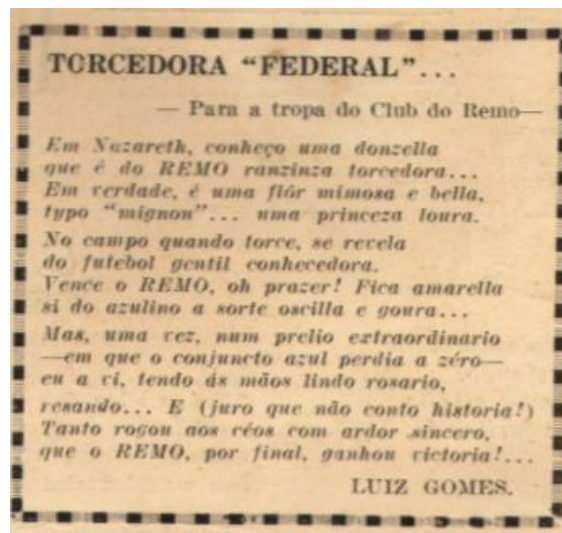
Figura 12: Nota exaltando a beleza de uma moça, e criticando a mulher moderna e esportiva



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 106, 1920, s. p.

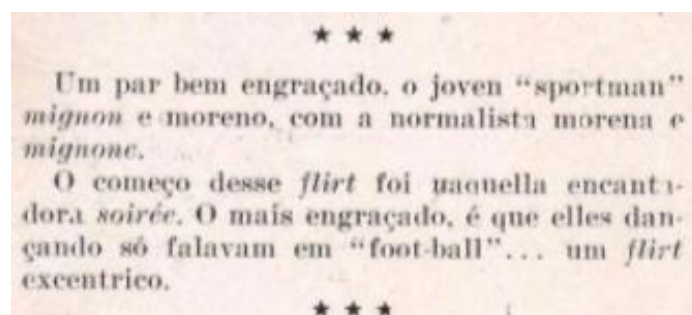
Contudo, o esporte pode ser entendido, também, como ambiente de ambiguidades, ao passo que fascina e atrai a homens e mulheres, e contesta os discursos de limites reguladores de condutas de ambos os gêneros, isso porque, através de seus aspectos rituais, tensiona a relação entre liberação de emoções e instintos individuais (GOELLNER, 1999). A mulher belenense, contemporânea das primeiras décadas do século XX, e representada nas páginas da revista *A Semana*, é frequentadora ávida dos eventos esportivos, seja nas regatas da baía do Guajará, seja nos campos de futebol ou partidas no Tênis Clube, ao qual lhe fazem parte inerente de sua vida urbana, e, objetivamente, se concretiza enquanto elemento do exercício de sociabilidade frente a relação social, e importância, de tais eventos para a elite citadina, bem como sua frequência nos bosques e nas missas semanais. Em decorrência disso, os âmbitos de relevância sociais, relacionados ao esporte, perpassam a condição de expectadora, frequentadora dos bailes e festas, nos clubes, atribuindo valores e perspectivas correlacionadas da vida na urbe da capital, até sua chegada a perspectiva de realizadora.

Figura 13: Nota refletindo sobre uma torcedora fervorosa do Clube do Remo



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 175, 1921, s. p.

Figura 14: Nota na coluna "Vida Fútil" sobre flerte em um baile festivo



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 121, 1920, s. p

Figura 15: Guarnição da Tuna Luso, campeã do páreo de Regatas em outubro de 1920



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 152, 1920, s. p

Com a presença das senhoritas, em foco de decorrentes registros, nas notas e fotografias, sua participação nos âmbitos sociais pode ser afirmada como decorrente de ambientes e relações ambíguas, como já evocadas aqui, ao passo que suas ações de exercício de sexualidade são expostas a partir de seus flertes e atitudes decorrentes nos bailes, registrados em fotografias e notas sociais. Se em momentos, suas presenças, trajés, roupas, atitudes e a realização do “flirt”, como era referenciado, são retratadas como elementos consecutivos da modernidade, tratados como comuns aos espaços sociais e inofensivos, em outros momentos, a moralidade burguesa era evocada nos textos e colunas de valores, e, os elementos citados acima, eram rechaçados, diminuídos a futilidades e retratados como adversos aos valores atribuídos a beleza e idealização da natureza feminina, que objetiva o casamento e maternidade (GOELLNER, 1999).

CAPÍTULO III

Banco de Imagens: A Mulher sob as lentes de “A Semana: Revista Ilustrada”

1. Sociabilidades



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 92, 1920. s. p. FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 92, 1920. s. p



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 92, 1920. s. p



PELOS FLAGELADOS— Interessante aspecto das festas promovidas pelo Club do Remo em praias flageladas cearenses.

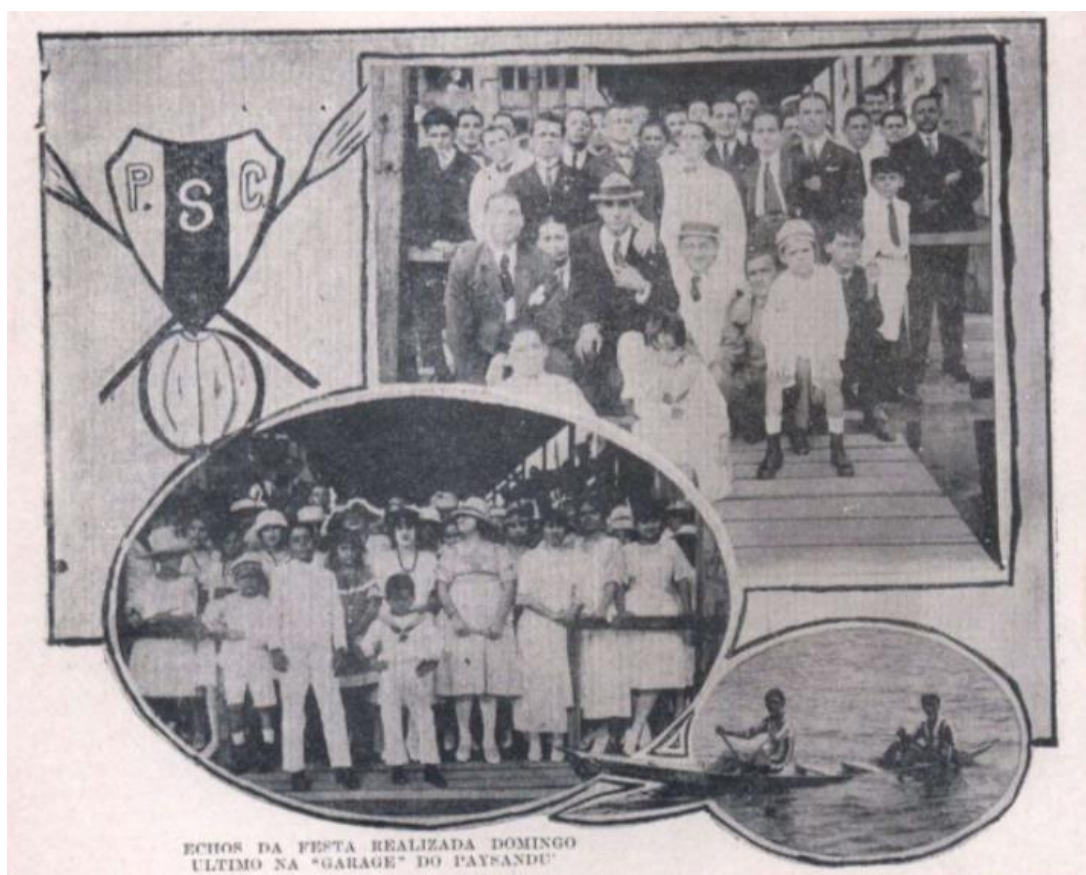
FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 107, 1920. s. p.



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 107, 1920. s. p.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 119, 1920. s. p.; FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 117, 1920. s. p.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 123, 1920. s. p.



Formoso grupo tirado no salão de visitas do Grande Hotel, na noite de 19 do corrente, por ocasião do aniversário natalício da gentil Maria Emilia, querida filha do sr. Antonio Seabra de Almeida Martins, co-proprietário daquele conestituído estabelecimento.



Acabam de contractar casamento o nosso distincto amigo dr. Eduardo Chermón, 2º prefeito de policia da capital e a distincta, e formosa mlle. Maria Deniza Amazonas de Figueiredo, filha do illustre dr. Genuino Amazonas de Figueiredo, director do Gymnasio Paes de Carvalho, e sua esposa Dona Maria Amazonas de Figueiredo. Fez o pedido da noiva, que foi prazeirosamente aceito, o nosso prezado amigo dr. Abel Chermont, secretario da Intendencia de Belem.

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 177, 1921. s. p.;

"A Semana Revista Ilustrada", n. 218, 1922. s. p.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 124, 1920. s. p



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 181, 1921. s. p; “A Semana Revista Ilustrada”, n. 255, 1923. s. p.



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 190, 1921. s. p.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 213, 1922. s. p.

LEONOR SIQUEIRA



Assinala o proximo dia 23 a data genethliaca desta illustre confreira e distincta collaboradora do «Oasis».

A senhorinha Leonor Siqueira quer com o seu proprio nome, quer com o galante pseudonymo de Yara do Norte, tem dado prova de seu talento em bellos trabalhos publicos nesta secção.

No scenario charadistico a sua personalidade destaca-se como uma das primeiras charadistas do Pará.

O «Oasis» desobriga-se com satisfação, enviando à sua formosa collaboradora cordiaes felicitações.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 472, 1927. s. p.; FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 175, 1921. s. p.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 255, 1923. s. p.; FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 265, 1923. s. p



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 264, 1923. s. p.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 216, 1922, s. p.; FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 595, 1929, s. p.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 221, 1922, s. p.

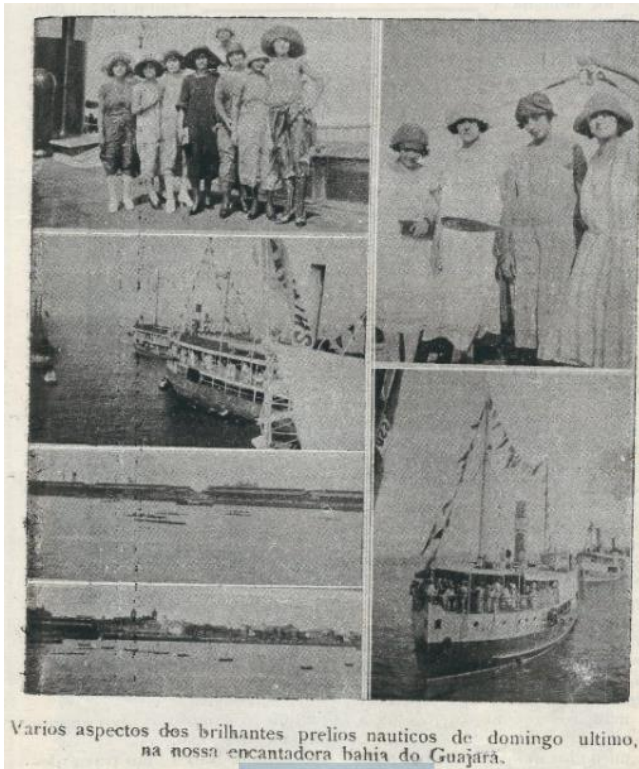
2. Divertimentos



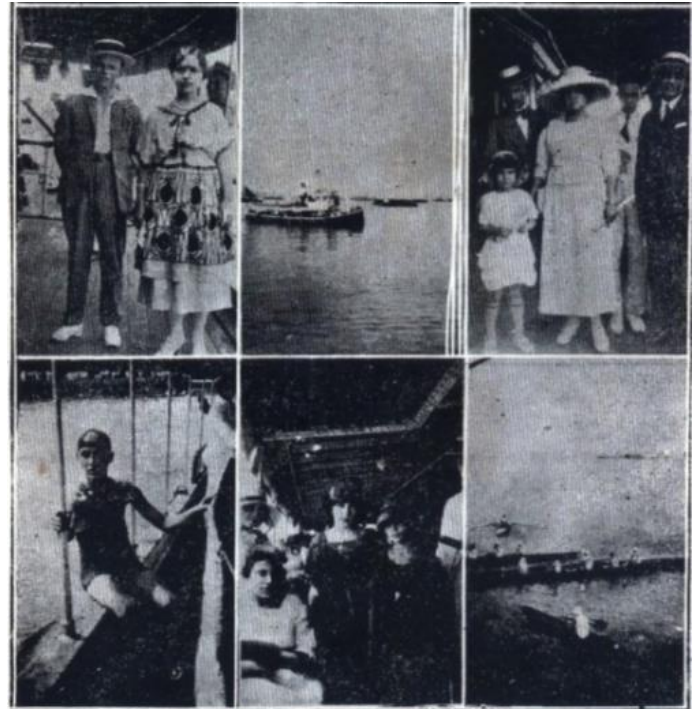
FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 181, 1921. s. p.



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 179, 1921. s. p.



Varios aspectos dos brilhantes prelios nauticos de domingo ultimo, na nossa encantadora bahia do Guajará.



VIDA SPORTIVA.—Aspectos da festa nautica realizada pelo Conselho de Regatas, no dia 14 do corrente.

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 279, 1923. s. p.; FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 104, 1920, s. p

A FESTA D'«A SEMANA»
EM HONRA DA BELLEZA VICTORIOSA

Os salões da Assembléa Paraense, tantas vezes povoados da graça e do encanto das nossas patricias, voltam amanhã, reabertos á sociedade paraense, a encher-se do mesmo aspecto sublime.

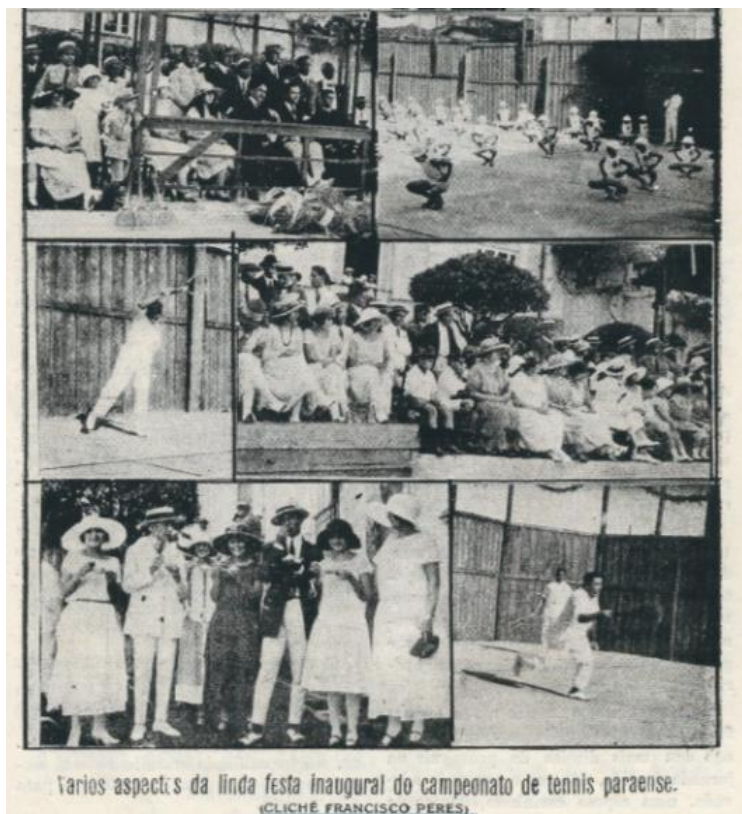
E' a festa d'A SEMANA, singella é certo, mas culminante de expressão e rodeada de alacridade, porque é a homenagem que esta revista, no seio da mais aristocratica agremiação do nosso meio, rende á Rainha da Belleza paraense, senhorinha Odette Acatauassú Nunes, victoriosa no concurso que, nestas paginas, tanta ansiedade despertou e um successo ruidoso alcançou.

São horas de entretenimento e alegria que o escól social de Belem fruirá, associando-se ao tributo que se vai render áquella que, no anno do centenario da adhesão do Pará á Independencia, representa bem o esplendor da formosura nesta linda terra da Amazonia.

Melhor do que estas palavras, chegados ao termino victorioso da nossa iniciativa feliz, serão aquellas que, como culto á Belleza, pronunciará o brilhante e illustre homem de letras que é Apolinario Moreira, dominador de assistencias, que se extasiam á sedução de suas phrases primorosas.

E assim nos parece bem encerrado o concurso d'A SEMANA.

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 282, 1923



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 270, 1923



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 272, 1923



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 283, 1923



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 129, 1920

NO CHAPE'Ó VIRADO



Sob os encantos da natureza praiana: Senhora Carmen Rodrigues, digna esposa do nosso amigo sr. Antonio Fernandes Rodrigues, proprietário da Sapataria Pelicano, ao lado do interessante e valente marujo o seu filho Carlos, garoto que enche de sorrisos a vida de seus papás.

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 538, 1928

3. Graciosa e Gentil



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 209, 1922. s. p.; FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 204, 1922. s. p.



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 214, 1922. s. p.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 217, 1922. s. p.; FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 281, 1923. s. p.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 269, 1923. s. p.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 266, 1923. s. p.; FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 468, 1927. s. p.



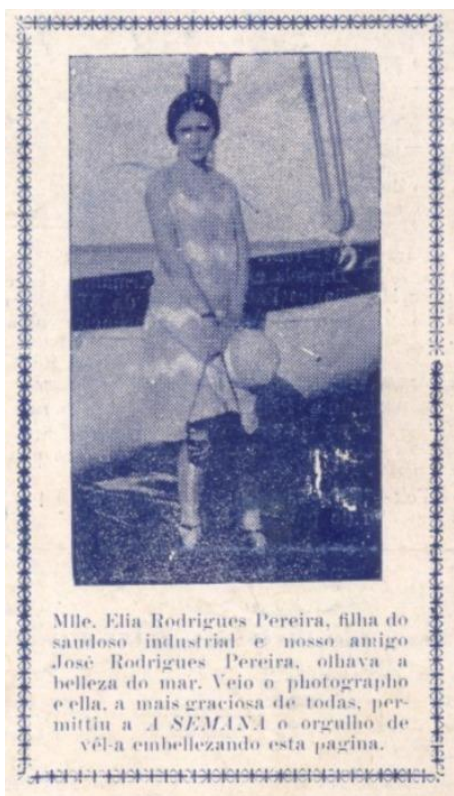
FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 472, 1927. s. p.



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 251, 1923. s. p.; FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 246, 1923. s. p



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 250, 1923. s. p.



O reinado da Belleza Paraense

Como cresce de brilho a idéa elegante e victoriosa da A SEMANA.—Votar num pleito como este é dar uma prova de cultura espirital.



A *A SEMANA* volta, hoje, a illuinar-se pela graça radiosa da senhorinha Odaléa Rebelo, corôada, ha annos, em identico pleito, a princeza da Belleza Paraense.

A senhorinha Odaléa Rebelo é um vulto feminino de selecção, um perfil enenitador digno de todas as eleições da formosura humana.

FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 537, 1928. s. p.; FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 544, 1928. s. p.



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 555, 1928. s. p.



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 555, 1928. s. p.; FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 547, 1928. s. p.



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 587, 1929. s. p.

ANTES DA PARTIDA



Mademoiselle Isaura do Céu, que, com o pseudonymo de «Dedos de Velludo», tantas paginas deste magazine illustrou com os primores do seu espirito de belletrista, parte, em companhia de sua familia, a 13, para a Europa, onde se demorará por algum tempo.

A distincta bacharel em sciencias e lettras e nossa apreciada collaboradora retratou-se, especialmente para a *A SEMANA*, em companhia de sua gentil amiga senhorinha Stella Cruz.

EMBELLEZANDO O PARQUE



A galante e seducete senhorinho Astrogilda de Sousa Furtado, sobrinha da extincta consorte do notso distincto amigo Archimimo Vidal Lobo, chefe da conceituada firma A. Lobo & Comp.

Mlle. Astrogilda, que se encontra à direita, foi apanhada pela nossa kodak num dos lindos parques de Belem, em companhia de uma graciosa amiguinha.

FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 578, 1929. s. p.; FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 586, 1929. s. p.

UM TERCETO HARMONIOSO



A do centro é Maria de Lourdes, filha do commerciante José Alves Peixoto, que está entre suas amiguinhas Maria do Céu e Odette Nobre, filhas do prof. Jayme Nobre e sobrinhas da distincta senhorinha Helena Nobre.

Como se vê, são tres flores primaveris, despetalando sorrisos para a harmonia da vida.

FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 579, 1929. s. p.

GRAÇA FEMININA



A graciosa senhorinha Yacyra Lima, filha do commandante Mauricio Lira, competente official da nossa marinha mercante.

O reinado da Belleza Paraense



Elvira Bassallo, uma das senhorinhas mais gentis de nossa terra, nome suffragado sempre entre os primeiros em o presente concurso de belleza deste magazine, embarcou ante-hontem para a Europa, destinando-se á bella e heroica patria de Cervantes.

Uma creatura tão linha, com tantos amigos e admiradores, deixou muitas saudades em nosso meio social.

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 586, 1929. s. p.; FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 579, 1929. s. p.

As nossas «Misses» de belleza



Senhorinha Aurea dos Santos Ramos

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 578, 1929. s. p.

GRAÇA FEMININA



Mlle. Stella Cruz, graciosa e suave creatura,
filha do dr. Abelardo Cruz, 2º promotor
da capital.

NOTAS SOCIAES



A graciosa e premdada senhorinha Agostinha Pinheiro Lopes, um dos adornos da nossa sociedade e dilecta filha do sr. Manoel Pinheiro Lopes.

Mlle. Agostinha vê decorrer seu venturoso natalicio amanhã, quando receberá as homenagens dos seus admiradores.

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 562, 1929. s. p.; FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 559, 1929. s. p.



A graciosa senhorinha Raymunda Villena, dedicada
alunna da Faculdade de Odontologia do Pará e
sobrinha do sr. Aprigio Brigido dos Santos.

FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 287, 1923. s. p



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 179, 1921. s. p.; FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 179, 1921. s. p



FONTE: "A Semana Revista Ilustrada", n. 184, 1921. s. p



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 217, 1922. s. p.; FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 217, 1922. s. p



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 216, 1922. s. p.



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 279, 1923. s. p.; FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 264, 1923. s. p



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 272, 1923. s. p

CONCLUSÃO

A fotografia e o Cinema se constituem como elementos que dialogam, concebem e reproduzem, em larga escala, concepções estéticas que olham e exibem o corpo feminino a partir de uma conversão da imagem de mulher bela, em ícone da sociedade de consumo, numa abordagem mistificadora da beleza, lhe atribuindo sinônimos de saúde e prestígio, aproximando o ideal de beleza a representação convencional de feminilidade (GOELLNER, 1999). Além de bela, a mulher precisava de qualidades que não só seduzissem, mas lhe atribuíam valor moral, em uma perspectiva onde o “ser bela”, para além da beleza física, se constitui por ser atraente, graciosa, casta, virtuosa, prendada e submissa ao seu conceito social tradicionalmente determinado.

As edições de A Semana constituem como elemento que incita, divulga e perpetua os elementos inerentes a nossa de beleza e feminilidade de sua época, seja a partir da qualificação adjetiva que, corriqueiramente, atribuía às moças estampadas em duas páginas, ou discutidas em suas notas, bem como a impressão de anúncios e propagandas, de produtos, que prometiam realçar a aparência física das leitoras, por meio da utilização de roupas, calçados, remédios e combinados para saúde, elemento presente em outro periódicos contemporâneos ao período que compreende os anos 1900 a 1930 (GOELLNER, 1999). Contudo, o principal representante desse elemento se manifesta a partir da criação e promoção de concursos intitulados de “Rainha da Belleza Paraense” e “Princezinha da Belleza”, que através de votação popular, entre os leitores da revista, determinavam as mulheres e meninas mais belas de Belém, e, para além disso, é perceptível um processo de aceitação e engajamento, por parte das elites da época, ao passo que a revista noticia os números de votos, em suas edições e realiza festas de premiação, com registros de presença massiva de uma parcela da cidade envolta no processo de aculturação dos padrões ideais de beleza de seu período histórico

Figura 16: Notas sobre os concursos de A Semana

Qual a mais bella mulher do Pará?

O entusiasmo que despertou o concurso d'«A Semana»

Accumulo de materia inadiavel da nossa edição de sabbado p. passado nos forçou a retirar, a ultima hora, da respectiva pagina, os *coupons* que se prendem ao palpitante concurso, cujo resultado servirá para proclamar a mulher mais linda do Pará, no anno do centenário da adhesão deste Estado á Independencia.

Desde que se trata de apurar qual a mais bella mulher do Pará, e segundo os moldes traçados pela REVISTA DA SEMANA, no seu grande concurso, fizemos sentir que a victoria pederia recahir tanto numa senhora como numa senhorinha, e dahi o accettarmos os votos indistinctamente.

Essa providencia, que fomos constringidos a tomar, determinou recebessemos numerosas reclamações dos que estão ansiosos por nos trazer os seus votos, avaliando-se, nesse interesse, o entusiasmo que despertou a nossa iniciativa.

Entretanto, para attender as objecções que nos fizeram diversas de nossas conterraneas, algumas dellas em cartas delicadas, resolvemos cingir o concurso apenas ás senhorinhas, ficando, assim, esclarecido esse ponto.

Satisfazendo tal ansied ide, que é o prenuncio do brilhantismo por que se vae caracterisar esta pugna encantadora, damos á inserção, neste numero, os *coupons* em questão, que os interessados preencherão com o nome daquella que julgarem a mais bella entre as nossas numerosas conterraneas merecedoras, por seus attributos de formosura, um título tão gracioso.

Insistimos em que as cedulas venham preenchidas claramente, porque as que não estiverem nas condições exigidas e já explanadas serão depuradas.

Contaremos os primeiros votos que nos forem remetidos até quarta-feira, ás 6 horas da tarde, endereçados a Laercio, em envelope fechado.

LAERCIO.



Senhorinha Hilda Rezerra, um dos nossos tipos de formosura

FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 262, 1923, s. p

A Princezinha da Belleza

Continúa num crescendo victorioso o elegante e original concurso auspiciosamente instituido por este magazine. A nossa sociedade o tem recebido com francas provas de sympathias, attestando isso a grande quantidade de “*coupons*” enviados á nossa redacção. Prevê-se, pois, um certamen renhidissimo, donde sahirá victoriosa a nossa Princezinha da Belleza.

Outro gesto não era de esperar dos nossos leitores, sendo, como é, original e interessante a “enquete” que se destina a enriquecer nosso tributo ás vindouras festas do Centenario, exhibindo ao paiz a mais bella menina belemense.

Anima-nos, pois, o modo por que estamos sendo distinguidos neste prelio, o que significa que se comprehendeu perfeitamente o nosso intuito, que consiste em concorrer, do modo mais efficiente, para expôr, ás vistas curiosas dos cultistas, a exuberante belleza e a flagrante vitalidade das creanças do norte, representadas nos especimens mais graciosos da infancia feminina.

Menina	Maria Lourdes do Rego	70 votos
“	Maria Celeste de Carvalho	59 “
“	Arlinda Ferreira Lopes...	54 “
“	Albertina Porto de Oliveira	43 “
“	Hilda Albuquerque Neves	40 “
“	Maria L. Gama e Silva...	40 “
“	Oiga Soeiro de Souza...	40 “
“	Alice Carvalho.....	34 “
“	Marietta Carvalho.....	34 “
“	Jacyra da Silva Oliveira	25 “
“	Marcinha Santos.....	25 “
“	Lucy Marques Lobo....	21 “
“	Ely R. de Moraes Proença	20 “
“	Ormindá Malcher.....	20 “
“	Corina Figueiredo de Freitas.....	15 “
“	Cydeá N. Teixeira de Souza.....	15 “
“	Noeli Saraiva.....	15 “
“	Adyiles Lage da Silva...	15 “
“	Beatriz Neves.....	13 “

Meninas: Liege de Souza e Silva, Margarida Dorothea da Costa, Maria José de

FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 213, 1922, s. p

Figura 17: Festa de premiação da vencedora do concurso de beleza proposto pela A Semana



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 283, 1923, s. p

Diante do exposto, pode ser demarcada a ambiguidade da leitura do corpo feminino, em uma construção de erotizar a beleza feminina, mas a amenizar sua conotação, a adequando para exibição mediante as padronizações morais permeadas em seu tempo, em uma lógica onde ao passo que o feminino é expresso de maneira visual próxima a uma perspectiva mais explícita, ele, também, é delimitado ao recato, assim, ora o exercício da sexualidade é ampliado, ora restringido aos padrões de bem e moral familiares, em consonância com o que Goellner (1999) debate em seu escrito, e com que os registros, presentes no periódico alvo dessa pesquisa, nos mostram, em suas notas de valores e opiniões, que recaiam suas atenções e representações críticas, principalmente, para moças solteiras:

[...] E para as meninas solteiras? Eu não sei o que pensam as bonitas creanças que antes dos quinze annos já aparecem na sociedade com modo senhoril e muitas fitas. Essas futuras noivas, castas, puras, recatadas, não se contentam com o tule branco, nem só com as rosas do seu jardim; mostram, à claridade amarella e quente do gaz dos clubs, os seus hombros e os seus braços nús, nos decotes dos vestidos de seda. [...] Ó futuras noivas recatadas e meigas, perdi menos noites na dança, e, quando fordes a um ou outro baile, pedi um vestido mais discreto [...] (A SEMANA REVISTA ILUSTRADA, n. 176, 1921, s. p).

À guisa de conclusão, a pesquisa indica que as páginas de “A Semana: Revista Ilustrada” evidencia a presença feminina em diversas sociabilidades da vida banal, tais como passeios, divertimentos, idas a teatros e praças e participação em eventos esportivos. Embora presente, a mulher figura como espectadora, sem protagonismo, incluindo o universo esportivo. Com isso, em meio à efervescência do que podemos entender, a partir de Figueiredo (2012), como modernismo sob um ângulo amazônico, o ideal de uma nova identidade nacional e amazônica, conforme nos foi possível entender a partir de crônicas, fotografias, propagandas e notícias, não perspectivava a mulher em um sentido transformador. De fato, em um cenário que parece ter sido pensado por homens intelectuais e literatos, a então perspectivada nova identidade nacional e amazônica, a considerar as páginas de “A Semana: Revista Ilustrada”, delegou à mulher um lugar de pouco destaque e visibilidade, eclipsando eventuais protagonismos. Isso pode ser dito tanto no que se refere a produções literárias e intelectuais presentes nas páginas do periódico aqui pesquisado. Por outro lado, cabe ressaltar que as fotografias, incluindo as das capas da “Semana: Revista Ilustrada”, passando por aquelas que capturaram instantâneos do cotidiano citadino, embora tragam a mulher como destaque, o faz somente no sentido de reforçar, ou manter, uma imagem e ideal de mulher que não busca romper com um modelo já presente no final do século XIX. Com efeito, ao final da pesquisa conclui-se que ao longo dos anos de 1920 “A Semana: Revista Ilustrada” utilizou suas páginas para imprimir às retinas e mentalidades belenenses daqueles tempos idos, uma imagem de mulher delimitada por um ideal de juventude, beleza, graciosidade, recato, maternidade e boas maneiras. Fosse em festividades, em passeios ou em práticas esportivas, esse era o perfil de mulher idealizado pela revista. Embora retratando e mesmo construindo o referido ideal, concluímos que “Semana Ilustrada” foi importante para a inserção da mulher belenense ao mundo das sociabilidades ao longo do recorte temporal da pesquisa.

FONTES

A SEMANA: Revista Ilustrada. Belém. n. 92. v. 3, jan 1920. s. p.

_____. Belém. n. 100. v. 3, fev 1920. s. p.

_____. Belém. n. 101. v. 3, mar 1920. s. p.

_____. Belém. n. 104. v. 3, mar 1920. s. p.

_____. Belém. n. 106. v. 3, abr 1920. s. p.

_____. Belém. n. 107. v. 3, abril 1920. s. p.

_____. Belém. n. 117. v. 3, jun 1920. s. p.

_____. Belém. n. 119, v. 3, jul 1920. s. p.

_____. Belém. n. 121. v. 3, jul 1920. s. p.

_____. Belém. n. 123. v. 3, ago 1920. s. p.

_____. Belém. n. 124. v. 3, ago 1920. s. p.

_____. Belém. n. 129. v. 3, set 1920. s. p.

_____. Belém. n. 152. v. 3, out 1920. s. p.

_____. Belém. n. 175. v. 4, ago 1921. s. p.

_____. Belém. n. 176. v. 4, ago 1921. s. p.

_____. Belém. n. 177. v. 4, ago 1921. s. p.

_____. Belém. n. 178. v. 4, set 1921. s. p.

_____. Belém. n. 179. v. 4, set 1921. s. p.

_____. Belém. n. 181. v. 4, out 1921. s. p.

_____. Belém. n. 184. v. 4, out 1921. s. p.

_____. Belém. n. 190. v. 4, nov 1921. s. p.

_____. Belém. n. 193. v. 4, dez 1921. s. p.

_____. Belém. n. 202. v. 4, fev 1922. s. p.

_____. Belém. n. 204. v. 5, mar 1922. s. p.

_____. Belém. n. 208. v. 5, abr 1922. s. p.

_____. Belém. n. 209. v. 5, abr 1922. s. p.

_____. Belém. n. 211. v. 5, abr 1922. s. p.

_____. Belém. n. 213. v. 5, mai 1922. s. p.

_____. Belém. n. 214. v. 5, mai 1922. s. p.

_____. Belém. n. 215. v. 3, mai 1922. s. p.

_____. Belém. n. 216. v. 5, jun 1922. s. p.

_____. Belém. n. 217. v. 5, jun 1922. s. p.

_____. Belém. n. 218. v. 5, jun 1922. s. p.

_____. Belém. n. 221. v. 5, jul 1922. s. p.

_____. Belém. n. 246. v. 5, jan 1923. s. p.

_____. Belém. n. 248. v. 5, jan 1923. s. p.

_____. Belém. n. 250. v. 5, fev 1923. s. p.

_____. Belém. n. 251. v. 5, fev 1923. s. p.

_____. Belém. n. 255. v. 5, mar 1923. s. p.

_____. Belém. n. 262. v. 6, abr 1923. s. p.

_____. Belém. n. 264. v. 6, mai 1923. s. p.

_____. Belém. n. 265. v. 6, mai 1923. s. p.

_____. Belém. n. 266. v. 6, mai 1923. s. p.

_____. Belém. n. 269. v. 6, jun 1923. s. p.

_____. Belém. n. 270. v. 6, jun 1923. s. p.

_____. Belém. n. 272. v. 6, jul 1923. s. p.

_____. Belém. n. 277. v. 6, ago 1923. s. p.

_____. Belém. n. 279. v. 6, ago 1923. s. p.

_____. Belém. n. 281. v. 6, set 1923. s. p.

_____. Belém. n. 282. v. 6, set 1923. s. p.

_____. Belém. n. 283. v. 6, set 1923. s. p.

_____. Belém. n. 287. v. 6, out 1923. s. p.

_____. Belém. n. 293. v. 6, dez 1923. s. p.

_____. Belém. n. 294. v. 6, dez 1923. s. p.

_____. Belém. n. 468. v. 9, abr 1927. s. p.

_____. Belém. n. 472. v. 9, mai 1927. s. p.

_____. Belém. n. 510. v. 9, fev 1928. s. p.

_____. Belém. n. 537. v. 9, ago 1928. s. p.

_____. Belém. n. 538. v. 9, ago 1928. s. p.

_____. Belém. n. 541. v. 9, set 1928. s. p.

_____. Belém. n. 544. v. 10, out 1928. s. p.

_____. Belém. n. 547. v. 10, out 1928. s. p.

_____. Belém. n. 555. v. 10, dez 1928. s. p.

_____. Belém. n. 559. v. 10, jan 1929. s. p.

_____. Belém. n. 562. v. 10, fev 1929. s. p.

_____. Belém. n. 578. v. 11, jun 1929. s. p.

_____. Belém. n. 579. v. 11, jun 1929. s. p.

_____. Belém. n. 586. v. 11, ago 1929. s. p.

_____. Belém. n. 587. v. 11, ago 1929. s. p.

_____. Belém. n. 592. v. 11, set 1929. s. p.

_____. Belém. n. 595. v. 11, out 1929. s. p.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, I. C. Q; ABREU, K. C.K. **A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial**. Revista Científica Plural 4, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- COSTA, C. R. da. **A revista no Brasil**, o século XIX. 2007. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.27.2007.tde-24042009-152705. Acesso em: 07 jun. 2021.
- DEL PRIORE, M. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- DIAS, D. da C.; SOARES, C. L. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no reflexo das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História**, São Paulo, n. 49, Abr. 2014.
- DIAS, D. da C. Cidade e natureza: as águas relendo uma Belém da belle époque (1870 aos anos iniciais de 1910). **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, v. 8, n. 2, p. 233–253, 2016. DOI: 10.20396/urbana.v8i2.8642975. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642975>. Acesso em: 23 set. 2021.
- FERREIRA, V. M, S. **Mulheres ao longo do processo de surgimento do esporte moderno em Belém do Pará (Décadas finais do século XIX aos anos de 1910)**. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.
- FIGUEIREDO, A. M. **Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20**. Belém: IAP, 2012.
- FONSECA, L. P. A Publicação Periódica Ilustrada Brasileira No Século XIX. In: **Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo, Blucher v. 9, n. 2, p. 424-436, 2016. DOI :10.5151/despro-ped2016-0037. Acesso em: 16 ago. 2021.
- GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 34, 2013.
- LEAL, L.A.P. **Gladiadores de escassa musculatura: sociabilidade, literatura e responsabilidade intelectual na Amazônia**. Belém: IAP, 2014)
- PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PINHEIRO, W. da C.; DIAS, D. da C.; MATOS, L. da S.; BAHIA, M. C. Práticas de Lazer e Sociabilidade na Belém do Pará dos Anos de 1920. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 82–111, 2020. DOI:

10.35699/2447-6218.2020.21815. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/21815>. Acesso em: 20 ago. 2021.

MATHIAS, M. B.; RUBIO, K. As práticas corporais femininas em clubes paulistas do início do século XX. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, 2010. Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/RBEFE_V24n2artigo10.pdf
DOI: 10.1590/s1807-55092010000200010. Acesso em 23 ago. 2021

MAUAD, A. M. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX . **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 133-174, 2005. DOI: 10.1590/S0101-47142005000100005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5417>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SARGES, M. N. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2010.